

O RAIO

DIRECTOR

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

SUMMARIO:

Nós — Antonio José d'Almeida.

O partido republicano e as eleições — João de Freitas.

Uma anecdota — Carlos de Lemos.

O Centenario do Infante — Fernão Silvestre.

?... — Carlos de Lemos.

A maré sobe — Sá Couto.

Chronica ligeira — Fra-Diavolo.

N.º 1

COIMBRA

—
1894



TYPOGRAPHIA OPERARIA

O RAYO

DIRECTOR

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

SUMARIO

Noticia sobre a morte de Almeida
O partido republicano e as eleições - José de
Lima
Lima no estado - Lima no tempo
O Congresso do futuro - Lima futura
Y... Lima no tempo
Lima sobre o futuro
Lima futura - Lima no tempo



O RAIOS

NÓS

Em primeiro lugar.

Este jornal é, n'uma nova arena de combate, o lidador collectivo dos restos até aqui dispersos d'uma legião vencida.

No grupo que elle representa ha aspirações differentes.

Uns são pela Republica e ficarão com ella. Outros, pugnando por esse ideal politico que lhes é uma solução provisoria, avançarão depois: alguns para um ponto já definido; os demais no sentido que, posteriormente, se ha de affirmar de entre as chimeras do que, ao largo, se esbate e dilue ainda. Mas n'uma coisa estamos concordes: dar a ousadia do nosso braço e do nosso espirito á proclamação da Republica em Portugal.

Depois os amigos e companheiros de hoje serão os adversarios de amanhã.

Mas só depois.

Que isto fique assente.

Alguns de nós representam, pela tradição e pela solidiedade, um numeroso grupo de revolucionarios que a cobardia e a traição tem dizimado. Constituiu-se espontaneamente em 11 de janeiro de 90. A principio luctou romanticamente: com rumo, mas quasi sem nexos,

Depois começou revolucionando o Norte o homem que, durante annos, esteve doutrinando em Coimbra. Ouvimos

a sua palavra; e tão brilhante e grandiosa ella era que nós, indisciplinados e rebeldes, sem chefes e sem programma, seguimos desde logo a sua acção.

Mas José Falcão morreu.

Fomos leval-o ao recanto do cemiterio onde elle repousa agora, e na embriaguez gloriosa e tragica d'esse momento tivemos palavras de fogo para fazer a apotheose da sua vida.

Na perturbação que ao espirito trouxe aquella hora, em que o coração pulsou mais rapido e os nervos vibraram mais intensos, acreditámos que elle apenas estivesse dormindo. Por isso tomámos a occasião como azada para arremeçar ao espaço a sua glorificação heroica, — banido o receio de que elle nos ouvisse e, estendendo a mão paternal, gritasse com aquella modestia immensa como a immensidade do seu espirito: «Calem-se, rapazes, que vocês são injustos.»

Mas não ha nuvem de sonho, por mais densa que seja, que a realidade não fure! —

...Passados dias, bem viamos que elle em verdade tinha morrido. A barca republicana lá ao largo, no mar alto, sob um temporal desfeito, começava a luctar desvantajosamente com as ondas iradas...

Sentimos apagada a vida nacional e dentro de nós congelar-se a esperança num futuro melhor.

Primeiro periodo de desalento...

Ficámos isolados. A independencia antiga, espontaneamente quebrada junto d'aquelle homem, readquiriria-se infelizmente depois de se cerrar aquelle tumulo.

Sómente o desesperado desanimo nos fez recolher á pequena cidadella que a altivez erguera em solo vencido, limitando-nos a cuspir sobre a sociedade de em volta que nos odeia, porque nós a desprezamos a ella.

A inacção e o silencio, porém, para homens que possuem nervos, é como a Siberia: tem minas geladas onde ha torturas ineditas.

Cá somos portanto n'uma nova abalada para a guerra. E, n'este momento do levar d'armas para uma sortida no campo inimigo, sentimos com orgulho que não adormeceu dentro de nós a revolta do temperamento: revolta que a contemplação de infinitas misérias desde muito alçou na ousada convicção d'uma ideia.

Eminentemente pittoresca a actual situação politica de Portugal:

Na barcaça constitucional a companhia regeneradora, como se sabe. O sr. Carlos d'Avila, a nossa-senhora-da-boua-viagem n'aquella jornada singular, procura saber se cahe bem a prega do seu vestido e são bem femininas as olheiras que cercam os seus olhos caçados. Hintze, calculado e maduro, medita sobre os projectos da fazenda, como o Infante D. Henrique sobre o roteiro dos mares. De mãos engalfinhadas no leme, épico, pedindo um Camões, o preclaro João Franco.

A bordo só falta o sr. Pinheiro Chagas para, na rhetorica que lhe é usual, comparar o calhambeque á nau de Vasco da Gama.

Excessivamente risivel e lugubre a vida nacional:

O padre Patricio vae buscar uma grande data que palpita no coração do Mundo, e emballa-a, embrulhada em bandeiras baratas, nos braços da burguezia do Porto.

Mandam-se vir pedregulhos do rochedo de Sagres, e observa-se este espectáculo unico: uma patria, pobre martyr desolada e soffredora, coberta de espinhos, os olhos para o ceu, no seu mysticismo indominavel e eterno, provocada a ir dar palmas, n'um arrepio triumphal, junto ao tumulo d'um heroe querido, — ella, que, de vontade,

só iria, desgrenhada, no pezadello d'uma allucinação, abraçar-se a esse tumulto onde repousam os ossos d'aquelle que, n'um sonho épico, a tomou outr'ora para noiva do seu espirito.

Ah! Como na noite vaga do tempo deve desmanchar o gesto épico esse perfil antigo de semi-deus, violento e quasi-barbaro!

E por detraz de tudo isto, como atravez d'um transparente que a vista vára, se desloca e agita uma grande desgraça em furia.

Por esse Paiz além, as arcas são vasias e as almas desertas. Os braços sem trabalho, as intelligencias incul-tas, o coração sem abalos, a consciencia sem iras. Uma Patria que atrazou na sua evolução historica, encalhada na areia. Uma sociedade fallida, sem coração e sem cere-bro, desconfiada e má, sem energia e sem fé, — morden-do-se e cusbindo-se.

Esta lucta é extranha. Não saltam chispas do cere-bro, não corre o sangue dos braços...

Contra este estado de coisas sahimos nós,—querendo a solidariedade com a phalange que, lá de ao longe, vem avançando contra as muralhas da velha lei e da velha ordem.

Como se chama ella? Não sabemos. Mas sabemos bem, e isso basta, que ella é a legião dos opprimidos e dos desgraçados, cujo cerebro será um ninho de utopias, mas em cuja alma acampa, fremente, o principio das reivindi-cações eternas.

Independentes no meio de todos e de tudo, vamos juntar o rumor das nossas armas ao estrepito da sua marcha.

Sómente n'este momento, em que partimos á busca d'um recontro, mandamos uma palavra amiga de saudação aos nossos queridos companheiros de outr'ora, hoje esparsos pela terra portugueza e cujas armas de combate deixaram, aqui em Coimbra, um logar para sempre vasio na panoplia d'uma geração de rebeldes.

A elles dizemos:

Nós avançamos em columna cerrada.

Republicanos, socialistas, anarchistas, de bem diversas orientações e bem differentes processos, estamos unidos para o mesmo fim e todos damos, na presente *étape* da evolução politica portugueza, uma parcella do nosso espirito para arder na mesma fogueira.

Os nihilistas — divinos apóstolos da Russia mártir — fazem entrar nas suas bombas substancias diversas, que são solidarias na mesma explosão.

N'este ponto, nós tal qual elles: e este jornal vae ser uma das nossas granadas.

Onde estalará ella?

Saber-se-ha.

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA.



O partido republicano e as eleições

Estamos em plena quadra eleitoral. A opinião inteligente e honesta do paiz, composta dos individuos que não vendem o voto nem compram consciencias com o descaro de um frascario a regatear o pudor de uma mulher formosa, assiste indifferente ou enojada á comedia funambulesca, tão bastas vezes repetida, do acto que em Portugal se adorna com o nome pomposo de — eleição geral dos representantes da nação — para encobrir as infamias de que qualquer governo de quadrilheiros corruptos, delegados de uma auctoridade sem prestigio e sem honra, costuma lançar mão para recrutar duas centenas de inconscientes servis e de traficantes sem escrupulos, que estejam sempre dispostos a chancellar em S. Bento, com um automatismo subserviente, todas as immoralidades e todos os escandalos do poder executivo.

A farça tem sido tantas vezes representada deante do publico que serve de espectador, que este, já cançado de patear, indignado, a audacia de protogonistas sarrafaes a esgotar-lhe a paciencia com a exhibição monotona das mesmas *sortes*, e de comparsas miseraveis, sem dinheiro e sem brio, sempre a saltar no corda bamba, não encontra sequer a atizar-lhe a curiosidade, — já que a farça não pode satisfazer-lhe o bom gosto, tão gastos estão os recursos dos artistas — a originalidade das proezas de um Saltamontes em folha. Os muitos que ap-

parecem a reproduzir a peça não trazem habilidades novas além das já conhecidas, razão porque o publico, farto de os correr numa apurada tremenda, abandona d'esta feita, com o desprezo e repugnancia que inspiram todas as coisas sujas, um espectáculo que o não diverte; mas não tem a lembrança ou a energia de acabar de uma vez com a ignobil palhaçada, correndo a pontapés os histriões que o ludibriaram.

Em todos os paizes modernos, onde o exercicio do poder governamental não é a remuneração das proezas de aventureiros indignos e o suffragio uma burla indecorosa, o acto eleitoral é o acontecimento mais solemne, o factio mais capital da vida politica da nação; é por elle que todo o individuo, não obstante a diversidade gradual das aptilhões em cada um, adquire a consciencia da sua solidariedade com todos os membros do corpo nacional, e realisa o seu direito de ingerencia no desempenho da função propria do estado a que pertence, affirmando a sua qualidade de cidadão pela livre escolha dos mandatarios que hão de formar o poder legislativo.

Em Portugal, porém, mercê do lindo systema que felizmente nos rege, o acto eleitoral e partes preparatorias é tudo quanto ha de mais torpe e degradante; é um leilão abjecto onde meia duzia d'homens sem vergonha, escudados no poder pessoal de um outro, irresponsavel e sagrado, põem em almoeda, para sahir consagrada das urnas a victoria dos seus candidatos, — sucia de cretinos servis e de intrigantes venaes — todas as *prendas* com que podem comprar o voto dos miseraveis, quando não mandam desancar a lombada dos mais recalcitrantes por qualquer Ferrabraz militar, ás ordens de um commissario *escroc* ou de um administrador de concelho brutamontes.

Mas deixemos isso, que é perder tempo mostrar os pustulas cancerosas que corroem o nosso organismo politico. Desnecessario é descrever o que todos os que

ainda estão immunes do contagio perfeitamente conhecem, e que a todos inspira uma invencivel repulsão. O que importa é applicar-lhe com energia e presteza o ferro em braza cauterisante, para eliminar os órgãos combalidos, salvar os que ainda não estejam de todo contaminados, e preservar da affecção invasora os órgãos sãos. D'outra forma, alastrando rapidamente o mal na economia do corpo nacional, não restará dentro em pouco mais que um cadaver putrefacto, que as demais nações do mundo culto, a bem da conservação da sua vitalidade propria, terão de sepultar para sempre, com desprezo e asco, nas montureiras da Historia.

O que faz, n'estas circumstancias, o partido republicano, que pretende representar a unica força consistente, ainda não attingida pela peste desoladora, que ameaça subverter todas as energias da nação?

O partido republicano deliberou *apenas*... ir ás eleições.

Muitos têm acreditado, e eu n'esse numero, — depois do 11 de janeiro e da cadeia immensa de baixezas, delapidações e immoralidades, praticadas e consentidas por todos os governos, que desde essa data memoravel se teem revezado sùccessivamente no poder — que o partido republicano, em face das suas promessas e constantes ameaças, passaria a dar novo rumo á sua acção e, sem descurar a propaganda no campo dos principios, lançar-se-hia em uma lucta intransigente e titanica contra o regimen existente, enquanto uma revolução salvadora, destinada a marcar o inicio de uma nova era de rehabilitação nacional, não derrocasse violentamente a monarchia no abysmo a que as leis irrefragaveis da dynamica social condemnam todas as institui-

ções que, collocadas em antagonismo com as necessidades e aspirações dos povos em que existem, põem todo o seu empenho em prolongar por todos os meios a sua duração, além do momento historico que finalisa a sua missão civilisadora, em manifesto detrimento do progresso das sociedades.

O partido republicano poderia entrar tambem em uma pugna eleitoral. Não serei eu que desconheça as vantagens de uma lucta d'essa natureza, energica sem violencias e prudente sem transigencias; uma lucta emfim heroica mas correcta, em que radicalmente se excluíssem os processos aviltantes dos seus adversarios; o que seria largamente proveitoso sob o ponto de vista da revisão e ostentação de forças, do respeito imposto aos adversarios, sem esquecer a utilidade immediata de levar ao corpo legislativo alguns deputados de valor, sempre promptos a verberar as prepotencias do poder e a gritar alerta á approximação de qualquer offensa ao decoro publico, ou de um assalto á algibeira do contribuinte.

Isto, porém, não deveria passar de um incidente transitorio na sua grande empresa demolidora.

Resumir todos os esforços em levar á camara popular os nomes prestigiosos do sr. Rodrigues de Freitas e do sr. Eduardo d'Abreu, com todo o seu talento e austeridade, e ficar estarecido com as invectivas d'estes dois republicanos illustres aos escandalos da ordem do dia e com as suas manifestações de competencia scientifica é, francamente, limitar a muito pouco as suas aspirações actuaes. E' parar a meio do caminho, a contemplar, satisfeito de si, uma obra por acabar.

•

Não faltam ao partido republicano homens de coragem incontestada e talento reconhecido, providos de

todos os dotes necessarios para preparar e dirigir a grande transformação politica, que a situação angustiosa do paiz tão urgentemente reclama. Se esses homens teem sido systematicamente afastados da direcção e orientação das forças republicanas, a que, mais do que ninguem, teem direito pelos seus merecimentos pessoaes e pela longa folha de serviços prestados, por alguns ambiciosos *parvenus* e por intrigantes mesquinhos, que pretendem collocar-se em plano superior áquelle a que lhes dão jus o seu qualificativo de mediocres ou a sua cathegoria de mariolas, e querem occupar, dê por onde der, o primeiro grau da escala, quando devem ficar no nono ou decimo — se isso continuar a accentuar-se, forçoso é encetar uma vigorosa campanha tendente a abater esses figurões do pedestal de cera a que treparam, fazendo convergir sobre elle os raios de calor e luz emanados do espirito d'aquelles que, assentes em terreno firme, não teem a recear a fragilidade da base.

Coimbra, março de 1894.

JOÃO DE FREITAS.

UMA ANECDOTA

«Qui sait le plus de traits d'histoire,
de bons mots, d'anecdotes curieuses, est
le plus agréable dans la conversation.»

HELVETIUS.

«Quel aimable compagnon qu'un
recueil d'anecdotes bien choisies!»

CH. NODIER.

Perguntava um philosopho a um lord:
(Se vos quizer dizer quem foi o da pergunta,
A coisa tem seus quês: talvez me não recorde,
Que esta minha memoria nada ajunta!

Swift talvez...) — «Um lord, n'este mundo,
O que é que vem a ser?» — «Lord é quem não faz nada.»
Responde-lhe do lord o espirito profundo,
Com o ar de quem decifra uma charada.

— «Mas, na Inglaterra, a machina trabalha:
O cavallo trabalha: e, mesmo em santa paz,
O homem torna-me a vida uma batalha...

Um lord pois, quem é? Palavra que me enforco,
Se não chego... Ah! um porco nada faz...
E' isso! adivinhei: — quem é que é lord é o porco!»

P. S.:

(Ha um porco mais porco de que o lord,
Que nada faz senão crear barriga:
Agora quem elle é, bom é me não recorde;
E, se me recordar... talvez vol-o não diga!)

CARLOS DE LEMOS.



O Centenario do Infante

N'esta epocha de vergonhosa decadencia moral, em que o sentimento patriotico serve para mascarar as traficancias das consciencias, que deturpam e ennegrecem os caracteres, a especulação politica empolgou uma data gloriosa da Historia, para sobre ella architectar a festa da exploração e do interesse.

Outr'ora, os nomes dos Grandes Homens serviam para n'elles se beberem alentos e esperanças, aspirações e ideaes, para n'elles se retemperar o aço quebrantado dos espiritos, como na Edade Media iam ao tumulo de Virgilio, o poeta-santo, os guerreiros, a retemperar o aço das suas armas.

É que em volta dos heroes, syntheses grandiosas das aspirações mais altas, palpitava, fremente e entusiasta, a alma dos povos; é que nas arterias de cada homem giravam ainda globulos do sangue vivificante, que tinha alimentado os cerebros geniaes.

Mas hoje, ao volver os olhos para o passado glorioso da nossa historia, para a edade heroica do nosso povo, — cyclo brilhantissimo, que refulge como constellação esplendida, fulgurante, de epicos vultos grandiosos —, nós, os degenerados do sangue e da intelligencia, da nobreza e do valor, sentimo-nos pequenos, tão pequenos, como a sarça rasteira ao pé do cedro gigante; da floresta

opulenta, colossal, exuberante de seiva e de vigor, resta uma lande damnhinha feita de abetos e de cardos. A rapida evolução de cinco seculos, cinco instantes na vida das sociedades, transmudou o sangue generoso e rico dos heroes na serosidade incolor que alimenta hoje esta geração de pusillanimes.

Nem character, nem dignidade, nem brio... nem nervos, nem músculos, nem sangue!

Em volta do nome aureolado do Infante D. Henrique, o vulto colossal que se destaca poderosamente de entre as individualidades heroicas da nossa idade d'ouro, levanta-se a celeuma dos nullos, disfarçados em thuriferarios de heroes. Não é um *élan* patriótico e altivo, intelligente e dominador, que leva os homens d'hoje, vergonha e opprobrio dos homens d'hontem, a entoar hymnos triumphaes á estatura gigantesca do Infante; não se presentem vibrações na alma popular, emmudecida e quieta na estagnação dos sentimentos nobres; nada de viril e de grande, de honesto e de são, impulsiona este movimento de apothese, que é uma vergonhosa mentira.

E somos nós, raça depauperada e mesquinha, que nos revolvemos no torvelinho do interesse egoista, sem estímulo superior que nos alente, sem nobreza de ideal que nos congregue, como legião guerreira em volta d'um *labarum* sagrado, — somos nós que nos atrevemos hoje a conspurcar a memoria immaculada dos heroes com hossanas risiveis de inconscientes; somos nós, que sem pejo arremessamos aos vultos gigantescos d'outras eras punhados da lamá que nos encharca; somos nós, que empenhámos, uma a uma, as perolas do nosso collar de gloria, arrancado aos mysterios do *mar tenebroso*, assim como empenhámos, uma a uma, as perolas intimas da nossa consciencia, — somos nós, rachiticos do corpo e da alma, sem aspirações generosas nem elevação intelle-

ctual, que fingimos comprehender a obra collossal e assombrosa dos heroicos avós que não merecemos!...

Quantas vezes terão elles, os nossos heroes antigos, estremecido de raiva, no seu Pantheon immortal, ao verem a quanto desceram os netos d'aquella raça de valentes... e, agora, como elles hão de estremecer... de vergonha!

FERNÃO SILVESTRE.



?

E n'aquella noite tive eu um sonho... Visão talvez? Pesadello sei eu que elle foi: pesadello inexoravel que me deixou prostrado, como se todas as iniquidades da terra me cahissem sobre o peito n'uma saraivada de moles enormissimas de chumbo. Se visão foi, não sei; verdade seja que, por vezes, a alma do homem é como uma camara escura, onde se photographa a Vida: e vem depois a imaginação e faz macabrear os titeres... Fecham-se os olhos do corpo: abrem-se os olhos da alma; corre um panno: outro se levanta...

E principia a comedia: por vezes tragedia...

N'aquella noite tive eu um sonho: e o sonho que eu tive era assim:

Vi um templo: memoria d'uma batalha decisiva e d'uma victoria inolvidavel.

N'esse templo um tumulo: e n'esse tumulo esta legenda: —Morto no Tempo; vivo na Eternidade.

E Astros, de redor, ajoelhados, queimavam em thuribulos, como soes, o incenso que n'elles derramava, ás mãos cheias, uma figura como um resplendor de Deus: e essa figura era a Gloria.

A flor da Immortalidade desabrochava-lhe á cabeça: e as suas petalas cobriam todo o tumulto, como um grande manto de purpura rutilando.

E uma sombra absoluta, como se todas as baixezas dos impotentes, e todos os vicios dos frivolos, e todas as infamias dos hypocritas, e todas as miserias dos prostituidos se amassassem n'um corpo só, uma grande sombra impenetravel apagou os Astros e desmaiou a Flor que eu vira a velar o somno d'O que adormecera depois de ter trabalhado. E do ventre d'aquella sombra, roucas de vinho, Vozes cantavam, em musica de *Te-Deum*, a letra do *De-profundis* . . .

E os meus olhos, de acostumados áquella cerração, foram clareando as entranhas do Abysmo: e afinal puderam ver . . .

— Antes elles nunca vissem!

O Templo estava convertido em Praça: um formigueiro d'esqueletos comprava e vendia com gestos de facinoras e pragas de regateiras. Um sábbat? um pandemio? Peor do que isso: — uma profanação.

E n'aquella sarabanda infernal havia figuras conhecidas; e uma sombra maior disputando os farrapos de purpura que eram as petalas da Flor.

Era a liquidação da Gloria: e essa gloria era a riqueza unica d'um povo: e esse povo assistia indifferente, áquelle varrer de feira . . .

E, ao ouvir o nome d'esse povo, senti no coração como a dôr d'uma punhalada que m'o varasse de lado a lado: e acordei com a testa alagada em suor que era frio, como a neve que, desde todo o sempre, congelou na montanha mais proxima do céu; e, caso extranho, ardia-me a cabeça, como se todo o fogo do Inferno me chammejasse, no cerebro, lume de Satanaz. E doia-me a face, como se m'a tivessem esbofeteado com um escarro, que eu não pudesse lavar com sangue.

Porque aquelle povo era o meu povo: e a minha

herança era um pedaço d'aquella gloria, com que negociavam os impios: — gloria que era o meu unico orgulho!

E, por mais esforços que fiz para me esquecer d'aquelle sonho, nunca mais, nem por um momento, aquelle sonho me esqueceu.

As festas do Porto vieram-me tornar mais viva — e mais torturante tambem a lembrança — que não morre: a maldita! — d'aquelle sonho, que antes eu nunca adormecer pudesse, se tinha de sonhal-o, adormecido, e antes eu nunca do somno acordasse, se tinha, desperto, de vel-o realisado.

E' que, em verdade, não se comprehende isto: — a Lama a fazer a apologia da Alma!

Vá que um velho libertino não desflores uma virgem; mas babuja-a, que é peor.

De prostitutas sei que ajoelham ante o ratabulo de Maria, primeiro que se deitem na cama das suas impurezas: essas taes venderam o corpo; não a alma que lhes ficou virgem pela ignorancia a que nasceram condemnadas, as miseras!

Mas já Maria Egypciaca sentia a mão da Consciencia impedil-a de entrar na Igreja, sem que a purificassem as lagrimas do arrependimento e as tórturas da penitencia.

Ora com esta sociedade que, n'uma insolencia de homens escapulidos de Rilhafolles, proclama que vae celebrar a gloria do Infante, quando o que vae é conspurcal-a com a lama do seu revoltante egoismo, com a gangrena da sua vaidade estúpida, com a podridão da sua miseria irremediavel — se nós estamos todos condemnados, todos! . . . — ora com esta sociedade que faz da

commemoração d'um benemerito exploração de seus mesquinhos interessses, não sei de acto de contricção que ella gemesse; traz antes na frente a ignominia de apostasias que não se perdoam!

Que Simão traficasse com os milagres, era um acto sacrilego; mas era-o menos: a santidade dos milagres vem-lhe da sciencia que os opera... Mas que se trafique com o patriotismo; mas que se ponha em jogo a consagração d'um immortal; mas que se illuda, machiavelico, a simplicidade d'um povo, — aquella sancta simplicidade que o proprio João Huss proclamava do meio da fogueira; isto; tudo isto: — não é como se se tractasse de vender a alma da Patria? não é uma simonia mais revoltante ainda? não é, por ventura, a mais revoltante das simonias?

E, todavia, isto faz-se! Este sarcasmo permite-se!

Reparem, que vale a pena ver: e fôra o caso para risos, se nos não custasse lagrimas...

Temos por marinha uns cangalhos pôdres: e celebra-se a nossa marinha!

A navegação serve só para despovoar as nossas terras: e celebra-se a arte de navegar!

As nossas colonias são encargo para nós e proveito para outros: e celebram-se as nossas descobertas!

Ao commercio tolhem-o os tributos: e celebra-se o commercio!

A' lavoira mata-a o desmazello dos governantes, de mãos dadas com o philoxera, que, se bem que cruel, o não é tanto como elles: e celebra-se a agricultura!

Productos de industria não ha; ha cavalheiros de industria: e celebra-se a industria!

As nossas glorias passadas, em vez de serem um incentivo das energias presentes para futuras glorias, estagnaram toda a vida nacional: e celebram-se as nossas glorias!

1894 a celebrar 1394: — não parece isto um escarneo? Pois não é o Fim a antithese do Principio, como o Principio é o anathema do Fim?

Festas?! . . .

Festas, para quê?

Que querem dizer estas festas?

Estas festas o que são?

Pois, onde tudo são tristezas e desalentos, quando tudo nos ameaça e tudo nos envergonha, póde lá haver logar e tempo para festas e risos e triumphos?

Que portuguez ha ali que possa ter um riso, hoje?

Comprehende-se o riso de Triboutet: — era a vingança; o de Voltaire: — era a ironia; o de Rabelais: — era o cynismo; o de Democrito: — era a indiferença; o de Guymplaine: — era a fatalidade. . .

Mas o riso d'essa gentalha que faz da gloria nacional uma pagodeira infamissima, mas esse riso, que significação póde lá ter?!

Riso estúpido. Mais: riso parricida: — lembra o riso de Cham. . .

Só de uma coisa sei eu que esse riso revella: — a idiotia.

E' pois, bem certo que as sociedades, malditas de Deus e dos homens, vestem, no pelourinho onde vão morrer, em vez do sambenito que as victimas da Inquisição ennobreceram, o costume de palhaços, por lhes ficar mais á propria. . .

E lembra-me o Porto uma barraca de feira: e á porta o padre Patricio, de veneras ao peito, a tocar uma campainha e a berrar, com voz de empresario: Vá, seus malandros! vamos a isto, que é uma pressa!

Contavam, ha pouco, os jornaes que, em Paris, uma familia, comida de dividas, se suicidára por asphixia depois d'um banquete em que figuraram baixellas que já lhe não pertenciam e para que se adornaram com joias e gallas que punham pela derradeira vez. . .

Mas porque será que as festas do Porto me trazem á lembrança esta tragedia que teve ares de comedia?

Ah! é que tambem nós nos empenhámos hontem: hoje emborrachamo-nos: e. . . E amanhã?

No festim de Balthazar escreveu o dedo de Deus o mane-the cel-pharés. . .

Estarão á porta as hostes de Cyro? . . .

Coimbra 26 — 2 — 94.

CARLOS DE LEMOS.



A MARÉ SOBE

A noite vai subindo. Doze badaladas batem funereamente, pesadamente tristes, naquella velha torre, torre antiga, d'aspecto monocal, desmantelada quasi, — em ruina prestes.

A noite é côr de treva, noite pr'ó crime, — noite realenga.

A atmospherá é pesada, de chumbo, asphixiante sempre. Noite de martyrio é esta. —

A noite vae descendo. Eu venho, Coimbra abaixo, — em protesto os meus cabellos, revoltados sempre, ensanguentada a alma, — desalentado e triste.

Donde venho eu? Do prazer? Do gozo? De nada disso venho; venho do cavaco, — d'uma palestra amiga aonde fui levar a Ideia, a qual lá morreu. Ahi fui levar o fogo, a metralha santa com que fulminar eu queria o Existente em ruinas.

Essa ideia tão nobre, que tão generosamente, espontaneamente, brotado tinha em meu espirito, vejo-a aqui ao meu lado em cinco tiras de papel, p'ra onde, em horas de desespero, de raiva, de colera, de dor, a tinha transportado a minha penna de revoltado.

Era assim que eu queria que ella fosse mundo fóra: vigorosa e forte, em tudo e por tudo sempre altiva e nobre.

Ao Povo me dirigia, ao Povo fallava então, dizen-

do-lhe o que pensava, o que sentia, o que queria que elle fizesse, o que ha muito deveria ter feito, — o que deviamos fazer todos nós.

Dirigia-me ao Povo sim! Então fallava como um revoltado, como um desilludido, contra tudo e contra todos. Escrevia com sangue. Conspirava com alma de revolucionario, gritava com a ardente esperanza d'um crente sincero e bom.

Queria acordar nas massas um quid d'altivez, algum sentimento nobre e vingador, — queria injectar-lhes sangue, sempre sangue, dar-lhes muito alento, muita vida.

Queria despertar o Povo, arrancar-o ao somno apathico em que ha muito vive, — queria arrancar-o ao criminoso silencio em que vive ha tanto, talvez á morte.

Tudo isto eu disse então n'esse *complot*, no meio de rapazes amigos, cheios de talento e de vigor, cheios de esperanza e de mocidade, e como eu, indomitos e ha muito appostos, bem preparados, bem munidos p'r'a hora da derrocada em prespectiva.

E agora como então ao Povo me dirijo, e só p'r'ó Povo escrevo.

Quizera agora escrever com fogo; não posso porém: prohibe-m'ó o cêgo furor do penteado e esguio João Franco, prohibem-m'ó tambem as patibulares fanfarronices dos *corregedores*, e além, acolá em baixo, junto á egreja de Santa Cruz, uivam sinistramente, sinistramente ululam os *ferros* d'El-Rei. Tudo isto é triste, tudo isto revolta; mas tudo isto é verdadeiro, tudo isto se passa aqui, em Portugal, nos fins d'um seculo a que chamam das *luzes*, mas a que eu mais propriamente deveria, deverei mesmo chamar o — *Seculo dos ladrões*. A minha ideia era boa, generosa, santa; mas em face do Existente, por via do Existente, e em face, melhor direi, d'um despotismo atroz, eu tive que estrangular essa Ideia tão repleta de hombridade, de civismo, de verdade, de justiça, d'audacia — emfim, de tudo quanto possuir póde, de tudo

quanto possuir deve uma alma intransigente, digna, buscando sempre, procurando sem cessar, sem hesitações, destruir tudo quanto é mau, exaltando sempre, levantando de continuo, a todas as horas, em todos os momentos da vida, tudo quanto é bom, tudo quanto é grandioso e sublime.

Fallei do Rei, que, amanhã, em comboio real, passará aqui com destino á ex-invicta cidade do Porto. Repicarão os sinos, estralejarão no ar os foguetes, e o povo de lucto, acudirá em grande massa á Estação Velha, não a saudar o sr. Carlos Simeão. . . O Fidelissimo e Pançudissimo monarcha de Portugal e dos Algarves; mas a invectivar na sua phrase rude mas sentenciosa e justa todo aquelle luxo oriental, mostrando-lhe a face cavada de rugas; as cicatrizes da miseria, da dôr; emfim, tudo quanto attestar pôde bem alto o soffrimento grande, enorme, profundo, que por toda a parte vai, que em toda a parte existe.

E' grande a miseria, soffre muito o Povo; mas o Bragança, Carlos Simeão, lá vae á borga do Henriquino, Fidelissimo e Pançudissimo, nedio e luzidio, féro como um pêro, gosar muito, gosar a valer n'esse Carnaval a que ainda teimam em chamar — homenagem á memoria do Infante.

Até aqui chegamos, — a isto descemos!

A especulação em tudo, com tudo e com todos! Explora o Rei, exploram os ministros, explora o burguez ventruado! Tudo explora!

Vende-se assim a honra d'um Povo! Enlameia-se assim a memoria d'um homem! Trafica-se assim com o esplendor d'uma Nação! e a traficancia em toda a parte.

Isto é vergonhoso, vergonhosissimo! . . .

Attendamos; meditemos e deliberemos o quanto antes. A maré sobe . . .

CHRONICA LIGEIRA

Do sublime ao ridiculo, nú e crú, como o sr. D. Pedro o gemeu n'um laborioso parto azul e branco — vae um passo apenas.

Temos, porém, o sublime-ridiculo... e d'ali á immortalidade vae uma distancia tal, que só *as aguias do genio*, como o Rosalino Candido, a alcançam no seu vôo largo.

— Não sei onde classificar a manifestação feita a um heroe que viveu em tempos felizes, em epocha d'honestos, de bons, de crentes, de portuguezes de lei — almas d'oiro e musculos de bronze que escreverem a historia dos nossos grandes feitos com o aço brunido da sua espada e o sangue generoso das suas arterias.

Morreram martyres ou heroes:— santos sempre!

Levaram para o tumulo o segredo da nossa honra e o orgulho da nossa raça:— por isso a raça degenerou, e a honra deu em droga!

Onde devo incluir as manifestações d'hoje?

No ridiculo, nú e crú e chato da trivialidade parvoneza, ou no desequilibrio ridiculo e mirabolante do Rosalino?

Não sei. Sei que o caso deveria passar á posteridade registado alegremente n'uma partitura d'Offenbach, letra d'Halevy.

Pena é, realmente, que o auctor da *Gran-Duqueza* não nascesse no Bolhão ou na rua dos Mercadôres!

Pena é, realmente, que a morte tenha enclausurado na treva do tumulto aquelle scintillante espirito de luz.

Morreu: — morreu sem fazer uns *couplets* para o sr. padre Patricio e instrumentar uma marcha para o desfilar do cortejo! . . .

E' pena! Offenbach devia ser o chronista d'esta epocha, o Fernão Lopes de 1894.

Causa-me dó, ao mesmo tempo que me indigna, este quadro extranho: um presente de vergonhas saudando um passado de glorias. . .

— E' o crepusculo, onde as nuvens se acastellam, sombrias e ameaçadoras, a saudar a aurora banhada de Sol, vestida d'azul, lantejoulada de clarões iriantes, sem mancha de nuvem, limpida, profunda, fulgurantissima!

A festa d'hoje é tão deslocada, como seria deslocada no tempo de D. Henrique a festa 9 de julho.

Questão d'homens — que são elles que fazem as epochas e transformam a historia n'um poema ou n'uma opera buffa.

A homenagem d'este fim de seculo ao heroe de S. Agres não tem critica.

Não seria mais proveitoso, mais coherente com a sociedade e com o meio em que nos atolamos que apenas celebrassem o infante n'uma marca de bolachas ou n'um rotulo de cerveja?

Não seria mais sincero que o entusiasmo nos apparecesse transformado em appetite, e que a alma dos patriotas se manifestasse pelo estomago?

Lucrar-se-hia, ao menos, um bocadinho de verdade em tudo isto. . .

EM BIVAQUE

Um grupo de estudantes do Porto vae realizar, em honra do Infante D. Henrique, uma sessão litteraria, de character exclusivamente patriótico. Os estudantes revolucionarios de Coimbra, convidados a dar a sua adhesão, delegaram alguns dos seus membros para os representar.

Estamos ao lado dos promotores d'essa festa, que uma das poucas manifestações será em que os oradores hão de pensar pela sua cabeça e fallar pela sua palavra.

Nas outras quem pensa é o Samodães e, em verdade, quem palra é o padre Patricio.

O *Raio* está pois, n'este acto, com aquelles academicos do Porto.

A mesma solidariedade nos une.

●
Chegou ao Porto uma *tuna* de estudantes salamantinos, que vem representar a juventude hespanhola nas festas ao Infante.

Tendo hoje os revolucionarios do *Raio*, perante as tres academias do paiz, um insubmisso papel de guerrilheiros, não cumprimentam os sympathicos visitantes sob o pallio das tradições academicas; mas cá de longe aos representantes da cavalheirosa Hespanha mandam as boas-vindas.

●
Uma grande parte da Academia de Coimbra vae hoje á Batalha, em comboio especial, prestar homenagem, que é si mplemente patriótica, perante o tumulo do Infante D. Henrique.

E' despida de intuitos palacianos esta romagem. Parece até, em verdade, traduzir um nobre protestó contra as festarolas que ora se estão exhibindo no Porto.

E porisso folgamos em poder dizer — embora o grupo representado por este jornal se ache, como collectividade, radicalmente separado da Academia, — que é correcto e louvavel esse procedimento.

Sob um tempo algo carrancudo passou na Estação Velha el-rei nosso senhor.

Lá foram os seus subditos fieis, que na explosão do vivorio crystalisaram no Ayres de Campos e no Ferrão : o cerebro e o pulso das instituições n'esta preclara Coimbra.

Sómente se viu pela força do arremesso que o pulso do Ferrão parecia estar dentro do craneo do Ayres, e pela energia com que a massa era contida na fórmula que o cerebro do Ayres se exhibia no pulso do Ferrão.

*

Notou-se que o sr. Carlos Lobo d'Avila, ia um pouco quebrado de forças : olho cansado, sorriso cansado, todo elle cansado, que, só de vel-o, cansava.

Alguem nos informou de que o encantador *fin de siècle* ia d'esperanças...

Deus lhe não dê no prestito a hora do bom successo, como, em certa procissão, á Papisa Joanna...

*

O contra-regra Ayres de Campos quasi fez cahir a comedia. Um descuido digno de forca, se a forca fosse para crimes de lesa-magestade.

Pois não offendeu elle a Magestade das magestades, obrigando as ditas a esperar, cinco minutos, pelos vivorios do estylo ?!

Republicanos houve que tiveram pena !

Foi-lhe, porém, perdoado o crime, attendendo a que deu homem por si, incumbindo o ventrilóquo do filho de viver o rei, como se fosse um povo inteiro...

Vá que o filho despistou o pae : nem de tal pae parece filho o interessante menino !

O Raio não tem dia certo de publicação.
A responsabilidade dos seus artigos é exclusiva de quem
os assigna.

Este numero custa 30 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça
de Lisboa, 52, 2.º andar.